



Faça sua busca

buscar

Assine

E-mail

SAC

Canais



Assine o iG Antivírus Plus e navegue tranquilo!



## A recessão e o bolso dos brasileiros



Marcelo Neri - VALOR

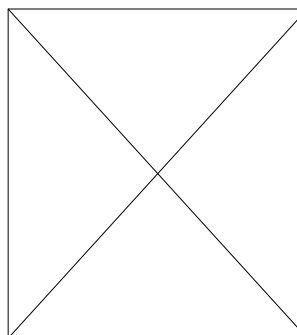
O recém-criado Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (Codace) da FGV vaticinou: o Brasil está em recessão! A divulgação da queda do PIB brasileiro do primeiro trimestre, de 1,8%, a segunda queda consecutiva - confirma a recessão corrente. Mais do que a contração, houve parada súbita do crescimento que vinha se mantendo invicto há alguns anos. Houve forte dispersão do crescimento entre países, indo do crescimento de China (6,1%) e Índia (5,8%), similar ao do Brasil pré-crise, até a queda do Japão (-14,1%) e da Rússia (-9,1%).

Como a crise afetou a renda de brasileiros de diferentes classes econômicas? Os impactos da crise sobre os fluxos de renda familiar do trabalho da população em idade ativa nas áreas metropolitanas brasileiras estão aqui traduzidos, na composição de estratos econômicos, em rendas mensais de todas as fontes (classes E, até R\$ 804; D, até R\$ 1.115; C, até R\$ 4.807, e A/B daí para cima).

A classe C se apresenta como a mais numerosa, com mais da metade da população (53%), embora do ponto de vista de renda a classe dominante seja a classe A/B, onde os cerca de 15% na população desta classe se apropriam de 55% da renda.

No imediato pós-crise, leia-se de setembro a dezembro, houve apenas pequena redução de 0,6% da classe A/B, que vinha crescendo acima das demais. Houve manutenção do movimento das demais classes: a classe C seguiu crescendo a 1,2% e as classes D e E mantêm a tendência de queda. Já em janeiro, houve forte retração dos estratos mais altos: a classe A/B cai 2,74% e a classe C cai 2,2%. Apenas em janeiro, cerca de 760 mil pessoas dessas classes caíram às classes D e E. Entre os meses de fevereiro e abril temos um perfil semelhante ao período de setembro a dezembro de 2008, com continuidade da queda branda da classe A/B.

Como consequência da virada do ano, a tendência acumulada do pós-crise é de deslocamento das pessoas do estratos de renda mais altos para os mais baixos. O gráfico comprova que as tendências dos últimos anos foram subvertidas: as classes que ganhavam mais participação passaram a perder mais, e vice-versa. Senão, vejamos: no período pré-crise há ampliação dos estratos de maior renda e perda dos mais pobres. O aumento acumulado das classes A/B e C desde fevereiro de 2003 foi de 35% e 25%, respectivamente, com correspondente perda da participação das classes D e E de, -16% e -



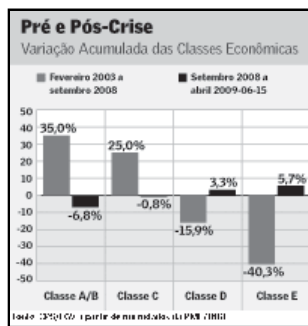
**John Lee Hooker e  
Bonnie Raitt**  
I'm in the mood

 
[blogdofavre@ig.com.br](mailto:blogdofavre@ig.com.br)

### arte Prefeitura SP

Kassab PSDB Lula  
musica Marta Suplicy  
Municipais crise Tucanos  
DEM José Serra USA Alckmin  
PT Bancos investimentos  
Mercados crédito pesquisas EUA  
Crescimento Transporte Literatura  
Obama justiça Marta emprego livros  
Mulheres impostos PIB Juros governo Lula  
Renda Internacional Argentina petistas 2010  
governo SP Indústria China inflação Cinema

40%. Em seguida, quando tomamos o período pós-crise (setembro de 2008 a abril de 2009), observamos queda acumulada da classe A/B (-6,8%), seguido da queda de 0,8% na classe C e consequente crescimento das classes D (3,3%) e E (5,7%). De toda forma, as variações de renda destes anos, quando se olha em conjunto os últimos anos (de 2003 a 2009), mostram que houve melhora expressiva no poder de compra dos brasileiros nas grandes metrópoles: o aumento acumulado desde fevereiro de 2003 das classes A/B e C foi de 25,8% e 24%, respectivamente, com correspondente redução da participação das classes D e E, de -13,1% e -36,9%.



A crise começou nas bolsas lá fora, e aqui chegou ao bolso do cidadão comum. Além de torcer para que a retomada recente da bolsa chegue logo ao bolso do brasileiro, o que se pode fazer para proteger o mercado interno? Mais do que forte contração, houve parada súbita da renda dos brasileiros que só depois encontrou eco na redução dos juros. A pergunta que não quer calar é: por que não colocamos uma política monetária fortemente expansionista em campo logo ao primeiro anúncio da crise?

Resposta provável: o Banco Central brasileiro é

escaldado de inflação e não de recessão, mas não como o Fed dos EUA. Nosso maior temor é a hiperinflação, como o Bundesbank alemão, enquanto o do Fed é a grande depressão. Isto não tem nada a ver com a independência do BC. Quem deve escalar a política monetária é a autoridade monetária, mas era preciso partir para a redução dos juros logo no primeiro anúncio da crise que se aproximava.

Por que adotamos o tempo todo respostas permanentes à crise quando esta é essencialmente transitória? A crise é de natureza mais crítica do que crônica. Há que se fazer sintonia fina de instrumentos com a escassez de demanda nos mercados de bens e serviços vigente. Precisamos agir de maneira rápida e localizada no tempo. O PAC e o novo programa habitacional têm de ser tirado do papel durante a crise. Outras respostas com efeitos mais permanentes são mais demoradas para implementar e seus efeitos ultrapassam o tempo de duração da crise. Por exemplo, o reajuste do salário mínimo vai gerar impactos fiscais permanentes para o período pós-crise. Seria melhor buscar um abono temporário para ele. Conseguiríamos ser mais generosos em tempos de crise com os pensionistas e aposentados se o ganho fosse restrito aos tempos de crise. Acabamos num mundo pior, com menores impactos durante a crise e maiores impactos no pós-crise, quando eles jogam contra.

Já a redução tópica do IPI é uma medida bem sintonizada com a crise, induzindo a antecipação de compras. A dificuldade da redução do IPI é que ela é localizada - deveríamos pensar em soluções mais horizontais, abrangendo maior número de setores. Soluções localizadas devem buscar os mais pobres, que tendem a ser mais restritos no mercado de crédito e, portanto, a apresentar maior propensão ao gasto dos recursos fiscais repassados, mesmos repasses transitórios. Esta é uma diferença básica para a redução de imposto de renda às pessoas físicas que tendem a poupar os recursos face ao risco crescente de desemprego.

**Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Microcrédito: o Mistério Nordestino e o Grameem brasileiro", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio Sociais". E-mail: mcneri@fgv.br**

Tags: , BC, classes, crise, desoneração, impostos, IPI, Marcelo Néri, pobres, Renda

## CATEGORIAS

## SITES FAVORITOS

Junho 2009  
Maio 2009  
Abril 2009  
Marco 2009  
Fevereiro 2009  
Janeiro 2009  
Dezembro 2008  
Novembro 2008  
Outubro 2008  
Setembro 2008  
Agosto 2008  
Julho 2008  
Junho 2008  
Maio 2008  
Abril 2008  
Marco 2008  
Fevereiro 2008  
Janeiro 2008  
Dezembro 2007  
Novembro 2007  
Outubro 2007  
Setembro 2007  
Agosto 2007  
Julho 2007  
Junho 2007  
Maio 2007  
Abril 2007

Sex, 19.6.2009

**18h41** |

Devolução do dinheiro do TARP vai reduzir lucro do JP Morgan

**18h40** |

País tem 131 casos de gripe H1N1; escola antecipa férias em SP

**18h36** |

Petróleo fecha em queda, abaixo de US\$ 70 o barril

**18h34** |

Bolsa de Santiago: IPSA fecha em alta de 0,49%

**18h30** |

Wall Street volta a fechar sem direção

[veja mais \[+\]](#)

## 2 COMENTÁRIOS PARA "A recessão e o bolso dos brasileiros":

*Comentado por J. geraldo em 16/06/2009 - 16:23h:*

Sou um leigo em se tratando de economia, mas me interesseo muito pelo assunto. Outro dia vi em "nosso querido jornal nacional" que o Brasil está tecnicamente em recessão. "Ora, o que dizer isto?" Pensei. Em seu texto você está afirmando que, segundo o codace estamos de fato em recesseção. Podemos ter certeza então apartir deste fato apartir de agora?

Um abraço grande,

J. Geraldo Padilha

*Comentado por Luis Favre em 16/06/2009 - 17:01h:*

J. geraldo,

O país esteve em recessão, sim. Escrevo esteve, porque tudo indica que hoje ele já não está. O Codace se refere à situação entre setembro de 2008 e o primeiro trimestre de 2009. Os indicadores atuais sinalizam que o terceiro trimestre já registrará um pequeno crescimento e o último do ano um crescimento um pouco mais consistente.

## DEIXE SEU COMENTÁRIO:

Nome: (requerido)

E-mail: (requerido, não será publicado)

Web Site:

Comentário:

ENVIAR